



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ –
IFPR – CÂMPUS CAPANEMA**

AMANDA TOMAZONI

**A Matemática Também é Feminina:
Reflexões e Contribuições Junto ao IFPR (Capanema/Barracão)**

**CAPANEMA - PR
2024**

AMANDA TOMAZONI

**A Matemática também é Feminina:
reflexões e contribuições junto ao IFPR (Capanema/Barracão)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Paraná, como um dos requisitos parciais de avaliação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Lazzarotto Schmitt

**CAPANEMA
2024**

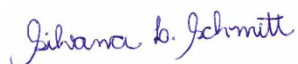
FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Tomazoni

A Matemática também é Feminina:
reflexões e contribuições junto ao IFPR (Capanema/Barracão)

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Matemática do
Instituto Federal do Paraná, formada pela
seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Silvana Lazzarotto Schmitt

Banca:



Jacqueline Lewandowski



Cleoci Schneider

Capanema, 02 de agosto de 2024

EPÍGRAFE

[As vezes canso desanimado ... mas sempre sigo em frente...

A minha alegria afronta a falta de amor, a minha força afronta a falta de confiança, a minha coragem afronta a falta de atitude, a inércia a chatice a mesmice, a minha fé afronta o medo. Eu nasci para afrontar esse mundinho certinho, rotineiro, nasci para desacatar a monotonia dos dias iguais. Não vim aqui para botar o dedo na cara de ninguém! Mas a vida, essa eu desacato, pois a cada amanhecer ela me desafia a me superar e eu não sou de levar desaforo pra casa.

Então pode bater, vida, que minhas costas são largas e a fé é imensa! Pode me derrubar, mas quando eu levantar se prepare, pois eu não serei a mesma e você também não.]

Rosi Coelho

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, gostaria de agradecer o meu pai, Marcos Eugenio Tomazoni que sempre fez a ponte entre professor e escola quando a disciplina era matemática, sempre com muita paciência de muitas vezes sentar-se à mesa comigo, segurava o lápis em torno da minha mão para que assim pudesse escrever a forma dos números, também me ensinou a somar, diminuir e por muitas vezes retomava a tabuada. Obrigada pai pela paciência e pelo apoio no início até aqui.

Da mesma forma, gostaria de agradecer à minha mãe Eliane Fransciconi Tomazoni por fornecer todo o suporte emocional me impulsionando a continuar o processo. A minha irmã Eloisa Tomazoni que sempre me motivou com palavras carinhosas de que eu iria conseguir.

Agradeço também a cada professor do ensino fundamental por plantar a sementinha da curiosidade e do amor pela disciplina matemática. Além disso, agradeço aos professores do ensino superior que regaram essa sementinha contribuindo para a minha formação enquanto docente e também enquanto ser humano, em especial a minha professora orientadora Silvana Schmitt pelos ensinamentos, e conselhos valiosos, agradeço também as membras da banca pelas contribuições compartilhadas.

Agradeço a Maya por ter me ensinado a ter paciência, ter me mostrado o que é o sentimento de amor próprio e solitude e por muitas vezes ter sido a minha única companheira para conversas durante esses longos 4 anos.

Agradeço ao meu companheiro de vida e grande amigo Fabio de Conti por ter segurado a minha mão nos momentos de turbulência e me incentivado a não desistir e que por muitas vezes forneceu toda ajuda possível para que pudesse continuar o processo.

Agradeço a Deus por ter iluminado meu caminho nesta jornada, onde muitas vezes recorri a Ele em busca de paz interior, reconhecimento e a busca pela paciência para enfrentar os dias difíceis.

Hoje encerra um ciclo, um ciclo que foi imaginado e projetado aos dezessete anos de idade, sou imensamente grata a minha família que acreditou em mim e que fez com que essa jornada fosse possível, mãe, pai, as noites em claro e os aniversários/ data comemorativas distantes valeram a pena.

Obrigada por tudo, ISSO TAMBÉM É POR VOCÊS !!!

“Procurar origens é, no fim das contas, pensar que o que somos hoje é algo além do produto de nossa história e nosso mundo social do presente, e, de forma mais específica, que nossos sistemas de gênero são primordiais, trans históricos e essencialmente imutáveis”.

Michelle Rosaldo

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem histórica do ensino ofertado às mulheres principalmente na área da matemática, com objetivo de analisar como foi o processo educacional das mulheres no Brasil. Diante do exposto, realizamos uma pesquisa qualitativa que buscou responder a seguinte questão: como foi o processo de inserção e construção das entrevistadas em seus ambientes de trabalho dentro da universidade? A pesquisa contou com a participação de 5 docentes da matemática que atuam no Instituto Federal do Paraná - Campus Capanema e Campus Avançado de Barracão. Os resultados obtidos indicam que, em pleno século XXI, as mulheres ainda precisam conquistar seus espaços, principalmente quando ocupam cargos que por muito tempo não era permitido ser ocupado por elas. Entretanto, as discrepâncias relacionados ao gênero feminino ainda acontecem, isso significa que, apesar dos avanços da sociedade e os direitos conquistados pelas mulheres, existe, ainda, ideias culturais e epistemológicas que contribuem para situações de desconforto e sofrimento, trazendo implicações para o pleno desenvolvimento das mulheres em ambientes acadêmicos e de trabalho.

Palavras-chave: Educação; Mulheres; Matemática; IFPR; Trabalho; Docência.

SUMÁRIO

RESUMO	7
1 INTRODUÇÃO	9
2. MULHERES CONQUISTANDO SEUS ESPAÇOS	11
2.1 MULHERES E O ACESSO À EDUCAÇÃO - NO BRASIL (1549 - 1870)	12
2.2 O ACESSO A MATEMÁTICA ENQUANTO SUAS CONDIÇÕES DE GÊNERO NO BRASIL	16
2.3 A HISTÓRIA DO IFPR - INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ COM ÊNFASE NO CAMPUS CAPANEMA E CAMPUS AVANÇADO DE BARRACÃO	22
3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	25
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Imaginem viver em um contexto que as mulheres são consideradas tão pequenas, restritas ao espaço doméstico, sem lugar de fala, sem vez, como se fossem fantoches, tão irrelevantes ao ponto de não merecer serem estudadas.

Por esse motivo esse trabalho de Conclusão de Curso tem a finalidade de realizar pesquisa sobre as mulheres na construção da sociedade uma vez que sua atuação, no que se refere a estudos, contribuições, descobertas vem sendo negligenciada ao longo do tempo e, como fica visível pela falta de registros destas contribuições. população mundial é de mais de 8 bilhões de pessoas, sendo que cerca de 50,5% masculina e 49,5% feminina, em colocar o recorte temporal aqui, as mulheres ainda são subjugadas. Neste contexto, Lerner (1986, p. 38) descreve que:

A existência da história das mulheres foi ignorada e omitida pelo pensamento patriarcal [...] ao observar a história registrada como se fosse uma peça nos faz perceber que a história das atuações ao longo de milhares de anos foi apenas registrada por homens e contada com a palavra deles. A atenção desses homens estava voltada principalmente para os homens. Não surpreendem que não tenham observado todas as ações que as mulheres realizavam.

Além de fazer essa abordagem das mulheres, este trabalho também tem o interesse em responder às seguintes questões: como foi o processo educacional das mulheres no Brasil? Considerando, as participantes da pesquisa, como ingressaram na universidade? Como foi o processo de inserção e construção em seus ambientes de trabalho dentro da universidade?

Diante do contexto, este trabalho tem como objetivo investigar como foi o processo educacional das mulheres no Brasil, observando a história das participantes da pesquisa. Neste sentido, este trabalho pode contribuir para a formação de futuras professoras, desconstruindo mitos sobre gênero e suas atribuições nos campos das ciências exatas, especialmente a matemática, além de abrir um espaço de diálogo e discussão dentro do próprio Campus sobre um assunto tão nefasto que não deveria ser um problema para o século atual.

Dessa forma este trabalho está sistematizado da seguinte forma: O capítulo I compõem a fundamentação teórica que retrata o papel da mulher na sociedade vinculada a uma grande influência da religião e do patriarcalismo. O capítulo II

também é uma fundamentação teórica que aborda o acesso da educação no Brasil desde a chegada dos jesuítas até meados do século XIX. Na sequência, o capítulo III discorre sobre a educação e a questão de gênero no Brasil, além de fundamentar como o ensino superior foi ofertado. Já o capítulo IV traz a história do IFPR voltado especialmente para o Campus Capanema e o Campus Avançado Barracão. E na sequência o capítulo V expõem-se a análise e interpretações dos dados realizados. E por fim, neste trabalho apresenta-se os materiais e métodos utilizados, resultados e discussões e considerações finais.

2 MULHERES CONQUISTANDO SEUS ESPAÇOS

Ao observarmos a história da sociedade é notório que foi contada e escrita por homens, deixando assim a existência das mulheres ignoradas e omitidas pelo pensamento patriarcal - em uma sociedade patriarcal o homem assume a responsabilidade e a autoridade. Para Lerner (1986, p. 65) “o pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais que não podemos excluí-los se não tomarmos consciência dele”.

Ao longo da história, se observarmos as ciências exatas, a matemática foi muito utilizada por necessidade de desenvolvimento da sociedade, sobretudo para medir ou dividir terras. Destaca-se que essa atividade era sempre desempenhada por homens enquanto a função da mulher neste contexto histórico patriarcal era ser mãe e essa era associada a uma ideia de divindade e “o único acesso das mulheres a Deus é a comunhão sagrada de ser mãe” (Lerner, 1986, p. 35). Uma percepção permeada de influências religiosas. Essa justificativa perdurou até o século XIX. Mais tarde, com o surgimento do Darwinismo, a igreja foi perdendo forças e assim agarrou-se nas ideias de Darwin reforçando o papel da mulher como mãe para garantir a sobrevivência da espécie humana. Neste contexto, Lerner (1986, p. 45) destaca que:

Era por causa da constituição biológica e da função materna que mulheres eram consideradas inadequadas para a educação superior e muitas atividades vocacionais. Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitam as mulheres e as tornam de fato inferiores.

O que podemos perceber é que por muito tempo enquanto os homens caçavam, manipulavam madeiras e metais cuidavam e participavam dos setores econômicos, políticos e educacionais às mulheres era atribuídas responsabilidades de serem esposas, cuidar do lar, dos tecidos e da família, o que as tornava criadas da casa, tendo sua participação totalmente excluída do restante da sociedade e produção social. Apesar dessa situação ser vista de maneira crítica, Lévi-Strauss (1955) explica que a subordinação das mulheres foi fundamental e crucial para a criação da cultura e o desenvolvimento da sociedade. Para Perrot (1988, p. 178) “as mulheres puxam os fiozinhos dos bastidores enquanto os pobres homens, como marionetes, se encontram na cena pública. Inspiradoras de decisão política, muitas vezes tomada

‘sobre o travesseiro’”. Ou seja, por mais que as mulheres não ocupassem lugares importantes na sociedade, muitas vezes influenciavam seus maridos a tomar certas medidas perante a sociedade.

No entanto, podemos compreender que, por mais que sua participação não fosse percebida nos aspectos históricos, tendo em vista que a história foi escrita por homens, as mulheres tiveram seu papel ignorado e/ou omitido por muitos anos sendo necessário ser cotidianamente procurado e investigado. Por conta disso, neste momento vamos juntos fazer uma retrospectiva do acesso à educação ofertado às mulheres e suas participações nas ciências exatas, em especial a matemática com ênfase no IFPR - Campus Capanema e no Campus Avançado de Barracão. Ademais, vamos analisar e compreender as dificuldades das docentes que ocupam esses espaços que por muito tempo foi predominantemente construído por homens.

Nesse sentido, destaco a concepção de gênero com base nos estudos de Saffioti (2015, p. 160) “é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade”. Desse modo, podemos compreender que ‘a ser mulher’ é determinada através de uma forte influência da sociedade patriarcal, muitas vezes determinando a forma e até mesmo o jeito que a mulher deve se comportar, se vestir, e muitas vezes influenciando na escolha da própria carreira profissional. Compete ressaltar que essa influência é epistemológica, ou seja, esse estereótipo só será quebrado através do conhecimento das mulheres sobre a sua própria história e assim contribuir para o próprio empoderamento de sua categoria.

2.1 MULHERES E O ACESSO À EDUCAÇÃO - NO BRASIL (1549 - 1870)

É importante destacar que por volta de 1549, antes da chegada dos padres jesuítas ao Brasil, a população indígena já possuía uma organização de trabalho em suas tribos, onde os homens e mulheres possuíam as mesmas responsabilidades ou seja, as mulheres eram vistas como companheiras de seus maridos e os papéis sociais eram adotados com igualdades entre os indígenas, não havendo divisão de trabalho como em outras partes da civilizações, o que resultou em choque de diferenças culturais com a chegada dos jesuítas.

Dessa forma, iniciou-se o processo de transição da educação informal pelo formal, e claro que essa educação vem com uma grande influência da igreja. Os colégios fundados por eles tinham o ensino voltado à catequese com a intenção da formação cultural da elite branca e masculina, automaticamente podemos notar que logo a mulher foi excluída do novo sistema escolar estabelecido. Enquanto seus maridos estavam aprendendo a ler e a escrever, a responsabilidade das mulheres era destinada aos seus lares, casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações sob o controle dos pais ou maridos. Apesar dessa situação, podemos mencionar um fato curioso que aconteceu nesta época: os indígenas notaram a exclusão das mulheres pelo sistema imposto e pediram ao Padre Manoel da Nóbrega a entrada de suas mulheres e filhas nos colégios, como ressalta Stamatto (1998) em seu artigo “Um olhar na história a mulher na escola”. O Padre escreveu uma carta para a Rainha Catarina solicitando a permissão para o ensino das moças, esta permissão, foi negada pela própria rainha alegando que as consequências seriam “nefastas” caso isso chegasse a acontecer, vale ressaltar que:

No século XVI, na própria metrópole não havia escolas para meninas. Educava-se em casa. As portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. Mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de rezas. Por que então oferecer educação para mulheres ‘selvagens’, em uma colônia tão distante e que só existia para o lucro português? (RIBEIRO, 2000, p.81).

Nesta situação é notório que a mulher foi, e ainda é, desfavorecida e muitas vezes negligenciada, tendo sua voz ignorada na sociedade. Em muitos momentos o papel oferecido a elas foi o de servidão com a justificativa de que seus sentimentos e emoções - instintos maternos, as tornassem inferiores. Outras vezes foi julgada como *Imbecilitus Sexus*, categoria na qual estavam também as crianças e doentes mentais (Ribeiro, 2007). Ainda com todos esses julgamentos e definições, naquela época a mulher indígena ainda precisava passar por explorações e violações do próprio corpo pois os colonizadores portugueses não eram acompanhados de suas esposas e assim aconteceu o “cunhadismo”, caso em que os portugueses tinham filhos com indígenas e assim criavam vantagens para melhorar as relações econômicas. Lerner (1986, p. 33) descreve que:

Essa dominância é introduzida através do sistema patriarcal que afetou a psicologia de homens e mulheres, [...] Essa superioridade surgiu devido os homens aprenderem a instituir dominância e hierarquia sobre outras pessoas praticando antes a dominância sobre as mulheres do próprio grupo. Isso se manifestou na institucionalização a escravidão que começou com a escravização das mulheres dos grupos conquistados.

Apesar de todas essas restrições e explorações que as mulheres indígenas sofreram, alguns artigos apresentam que algumas delas conseguiram burlar as regras e tiveram acesso ao formalismo pedagógico através de seus maridos ou pais, como por exemplo:

Madalena Caramuru, filha do Diogo Álvares Correia, que parece ter sido a primeira mulher a aprender a ler e a escrever. Alguns autores afirmam, entretanto, que teria sido a própria esposa de Diogo que haveria de ter inaugurado as mulheres no mundo das letras. Mas, fundamentalmente, a educação letrada foi reservada ao sexo masculino, e oferecida pela companhia Jesus (RIBEIRO, 2007, p. 06).

Foi na metade do século XVII que as mulheres passaram a ter acesso a educação, não como aquela destinada aos homens, mas apenas conteúdos básicos como a leitura e escrita, que aconteciam nos conventos, onde também tinham a alternativa de aprender músicas cantochão, órgãos e trabalhos domésticos, e como não deveria deixar de ser, a feitura de doces e flores artificiais. Até esse período, as mulheres mais ricas e que desejassem estudar seguiam para Portugal (Ribeiro, 2007). Já que a mulher era vista como propriedade do marido, o que acontecia com as moças solteiras? Estudos relatam que após a reforma Pombalina (1750), que foi uma série de medidas tomadas pelo secretário de educação de Portugal, Sr. Pombal, como a expulsão dos jesuítas (1759) a fim de criar um sistema educacional sem muitas interferências da igreja. Mas essas ações em nenhum momento melhorou as condições educacionais das mulheres. E somente em 1678 foi fundado o primeiro convento no Brasil com o intuito de acolher as mulheres devotas a Deus e também servia como refúgio para as famílias “trancafiar” as mulheres que não possuísem maridos ou desobedecesse a ordem ficando conhecido também como “prisões místicas”. Nesta situação é nítido o peso de se ter um marido para ser aceita na sociedade, tornando-se apagada, sem ideias próprias e independentes. Além disso, é possível perceber a rigidez com aquelas que por um motivo ou outro

não seguissem as ordens ou fossem contra o sistema, a elas estava automaticamente destinando os conventos como “conforto e consolação”.

Com a vinda da família real para o Brasil em 1808, nada de relevante aconteceu na educação e principalmente quando se trata da educação ofertada para mulheres. Foi em 1827 que D. Pedro I sanciona a lei de 15 de outubro criando escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. r A partir daí a mulher passa a ser reconhecida tanto no mundo do trabalho quanto no acesso à educação.

Nesse período as escolas eram separadas por sexo e professoras mulheres só ministravam para meninas enquanto professores homens só ministravam para meninos, o conteúdo ofertado também era diferente para cada gênero: para meninas a educação estava voltada a ensinar a ler, escrever, as suas quatro operações, também deveriam saber para que servem à economia doméstica; enquanto aos meninos era ofertado o acesso a aprender a ler e escrever, as quatro operações e também aprendiam a aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana. Percebe-se, dessa forma, que embora haja admissão da mulher à escola e também ao mercado de trabalho como docente, ainda com algumas discriminações. Nota-se que o papel de mestre estaria associado aos seus “instintos maternos” sendo o principal interesse em chamar as mulheres para compor o mercado de trabalho e assumir essa tarefa com grande maestria. Para Souza (1998, p. 01),

O trabalho feminino ganha força a partir do final do século XIX, tendo em vista a necessidade de um número maior de trabalhadores que pudessem suprir a demanda crescente de postos. No entanto, mesmo exaltando-se a grande missão desse sacerdote, os salários oferecidos ainda são baixos, o que era pouco atrativo para os homens. O que torna esse um dos primeiros campos de trabalho respeitáveis e abertos às mulheres.

Em 1870 surge no Brasil as escolas “mistas” onde a mulher só podia frequentar a sala de aula inclusiva da universidade, ao lado de seu pai ou marido. Isso também era levado em consideração as professoras que a partir deste ano já podiam lecionar para meninos de até 14 anos de idade, desde que fosse

acompanhada pelo pai. A ambição das mulheres em ocupar seus espaços na sociedade como universidades, escolher sua profissão, receber salários iguais, direito ao voto e também a lugares políticos desencadeou na sociedade uma série de revoluções e evoluções. Principalmente em meados do século XIX onde começam a surgir os primeiros jornais dirigidos por mulheres. Essas mulheres buscaram se especializar fora do país especialmente em Portugal e tendo uma visão diferente passaram a reivindicar seus direitos através dos jornais (compartilhando informações) e assim contribuindo muito para a identidade feminina brasileira. Hollanda (2020, p. 28) expõe que:

Vêm da educação e circunstâncias de vida, os homens se beneficiam com a opressão feminina, e somente a educação permitiria às mulheres tomarem consciência de sua condição inferiorizada. [...] Nossas mulheres precisam ser consideradas seres pensantes, para então pleitear a emancipação política.

Esses jornais foram essenciais e importante para a aquisição de novos direitos, e além disso, as mulheres passaram a ter sua voz ouvida e a ser reconhecidas como seres pensantes, sendo possível o surgimento de mais opções para o mundo empregatício, pois estavam conquistando o seu espaço na sociedade e não sendo apenas coadjuvantes de sua criação.

2.2 O ACESSO AO CONHECIMENTO MATEMÁTICO APESAR DA CONDIÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL

No Brasil as mulheres passaram a frequentar os espaços escolares por volta do século XIX e apenas na sua segunda metade esse acesso foi disponibilizado para frequentar o ensino superior. Essa evolução aconteceu devido às lutas pelos seus direitos e principalmente a busca pela sua independência. Logo a oportunidade de frequentar um ensino superior associou as tarefas do lar, do cuidado, do zelo e da família permitindo que elas rapidamente se encontrassem nas licenciaturas como campo para atuação profissional. Onde atualmente vem ocupando no país a maior parte das vagas voltadas à formação de professores.

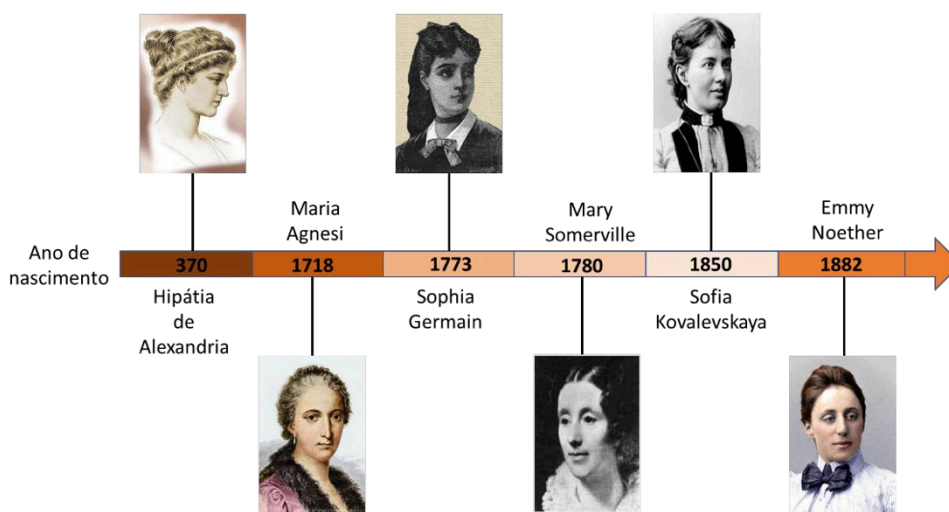
Apesar da conquista se dar apenas no século XXI, não há restrições aparentes que impeçam as mulheres de ocuparem seus espaços em universidades

ou em busca de conhecimento principalmente em áreas como as de exatas. No site da Universidade Tiradentes (2023), temos que:

Exatas - O nome “exatas” vem justamente da necessidade de alcançar resultados precisos através de análises lógicas, de cálculos e rigorosos processos de mensuração quantitativa. As ciências exatas englobam disciplinas que utilizam a lógica, a matemática e a física para estudar e entender fenômenos quantitativos e naturais que ocorrem no mundo.

Porém, sabemos que esse acesso depende de questões históricas e epistemológicas. Assis (2020), no artigo “As relações de gêneros na licenciatura em matemática” traz fatos relevantes para contextualizar o embasamento deste trabalho de conclusão de curso. O autor faz um apanhado de mulheres que fizeram história no contexto da matemática como apresentamos na figura 1:

Figura 1: Algumas Mulheres Matemáticas



Fonte: Assis (2020, p. 04)

O autor destaca Hipátia de Alexandria (370-415) que foi perseguida pela sociedade da época; a italiana Agnesi (1718-1799) que não conseguiu ser professora simplesmente por ser mulher; a francesa Germain (1773-1831) que teve a energia elétrica do seu quarto cortada, por seus pais, para que ela não tivesse condições de estudar; a escocesa Somerville (1780-1832) que teve que enfrentar a resistência da própria família para poder avançar nos estudos; a russa Kovalevskaya (1850-1891) que precisou sair do próprio país, pois as universidades russas não

permitted women and the German mathematician Noether (1882-1935) who did not have permission to attend classes as a regular student in German universities only as an auditor. Moura (2015, p. 63) expõe que:

Esses fatos tornam compreensíveis, por exemplo, a escassez de teoremas que levam nomes femininos. A elas não foram dadas as devidas oportunidades de desenvolverem seus estudos e concorrerem em pé de igualdade com os homens. Contudo, a despeito de todas as dificuldades que enfrentaram, essas mulheres deram estimáveis contribuições no campo do cálculo diferencial e integral, teoria dos números, equações diferenciais e álgebra.

Apesar de todas essas perseguições, as mulheres lutaram e lutam constantemente para conquistar seus espaços na sociedade atual, pois se compararmos com anos atrás, a mulher não podia nem mesmo contestar as violências causadas pelo seu próprio companheiro, nesse sentido apenas no século XIX conseguimos algum avanço.

No ano de 1879 foi publicado o decreto nº. 7.247 de Carlos Leôncio de Carvalho que autorizou o acesso das mulheres aos cursos universitários, inovando alguns âmbitos da educação:

[...] criação de jardins-de-infância para as crianças de 3 a 7 anos (artigo 5º); caixa escolar (artigo 6º); bibliotecas e museus escolares (artigo 7º); subvenção ao ensino particular, equiparação de Escolas Normais particulares às oficiais e de escolas secundárias privadas ao Colégio Pedro II, criação de escolas profissionais de bibliotecas populares e de bibliotecas e museus pedagógicos onde houver Escola Normal (artigo 8º); regulamentação do ensino superior abrangendo a associação de particulares para a fundação de cursos livres em salas dos edifícios das Escolas ou Faculdades do Estado (artigo 22); faculdade de direito (artigo 23); e faculdades de medicina (artigo 24). [...] a Reforma Leôncio de Carvalho levou bem mais longe a inclusão de dispositivos referentes ao funcionamento da educação nas províncias. Assim, o artigo 8º contempla, nas províncias, a subvenção a escolas particulares; a contratação de professores particulares para ministrar os rudimentos do ensino primário; a criação de cursos de alfabetização de adultos e de Escolas Normais; fundação de bibliotecas e museus pedagógicos e de bibliotecas populares; e a criação, nos municípios mais importantes das províncias, de escolas profissionais e de ensino de artes e ofícios. A Reforma previu, também, a abertura, nas províncias, de mesas de exames preparatórios (artigos 11 e 12) e a inspeção dos estabelecimentos de instrução primária e secundária (artigo 15) (Saviani, 2007, p. 138).

Vale ressaltar que apesar desse grande avanço constitucional, as mulheres ainda estão prejudicadas na corrida profissional, pois enquanto na área da matemática o primeiro doutor brasileiro recebeu grau em 1847 - Manuel da Cunha Galvão, as mulheres foram conquistar esse posto apenas um século depois. Dados revelam que o acesso à educação oferecida às mulheres no Brasil aconteceu da seguinte forma: 1827 com o ensino primário, 1835 com o ensino médio, 1879 com o ensino universitário e em 1949 tivemos a primeira doutora em matemática no Brasil, sendo ela Maria Laura Mouzinho Leite Lopes (Fernandez, Amaral e Viana, 2019). Essa situação ressalta a discrepância da carreira profissional entre homens e mulheres principalmente nas áreas de exatas, sobretudo, a matemática.

Um fato curioso sobre a Mouzinho é que ela seguiu na carreira docente até 1969 e quando se aposentou deixou o Brasil por virtude da repressão ocorrida na Ditadura Militar. Com isso, ela abandonou o Brasil e passou a desenvolver pesquisas, na França, sobre a didática da Matemática. Assim, Mouzinho se torna “uma das mais importantes pesquisadoras em Educação Matemática no Brasil e no mundo” (Fernandez; Amaral, Viano, 2019. p. 34). Estes acontecimentos me levam a reflexão, pois, quantas mulheres matemáticas assim como Hipátia de Alexandria, Maria Angnesi, Sophia Germain, Mouzinho, entre tantas outras tiveram que abandonar seus familiares, ou até mesmo seu país de origem, suas culturas por sofrer repressão, só por ser mulher e não poder atuar em áreas de sua escolha, também penso o quanto de ciência e pesquisa o seu próprio país deixou de apoiar e produzir para que juntos pudessem ser protagonistas de métodos inovadores para a educação mundial.

Por outro lado, se analisarmos os dados de produção científica no Brasil em pleno século XXI continuam desanimadores. Araújo (2018, p. 32), expõe que:

Números da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e MEC (Ministério da Educação) mostram que menos de 45% dos ingressantes nos cursos de graduação em matemática no Brasil são mulheres, e este percentual vai diminuindo conforme se sobe na carreira científica. Dentre os bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em matemática, as mulheres não chegam a 15%. As estatísticas do último Colóquio Brasileiro de Matemática - a mais importante reunião científica da comunidade matemática brasileira, que se realiza bianualmente desde 1957 - confirmam esse cenário: dos 888 participantes da edição de 2017 do colóquio, 23,5% eram mulheres, enquanto apenas 16,8% das

palestras foram proferidas por mulheres. Dentre os 50 pesquisadores do corpo científico do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), o mais prestigioso instituto de pesquisa em matemática do Brasil, apenas uma é mulher.

A depreciação e estereotipização da figura feminina levam a mulher a desacreditar de si mesma levando a uma falsa sensação de insuficiência, sobretudo quando o assunto é ser pesquisadora e áreas de pesquisa científica das diversas áreas do conhecimento, aqui em especial das exatas. O patriarcalismo presente na sociedade potencializa essa situação. Além disso a negligência da União traduzida na morosidade em reconhecer a figura feminina como ser humano independe de cor, raça, sexo ou padrão social para frequentar o acesso ao ensino, além de pesquisas contribuírem com essas hostilidades de que homens são melhores do que mulheres em matemática. Ademais, estudos revelam que esses estereótipos começam a afetar crianças entre seus 6 (seis) e 7 (sete) anos de idade, nessa idade eles já são capazes de associar o gênero masculino como predominante nas áreas de atuação de influência e domínio. Neste contexto, Araújo (2018, p. 32) destaca que:

Crianças com idades entre 5 e 7 anos ouviram uma história sobre uma pessoa muito inteligente. Em seguida receberam imagens de quatro pessoas - dois homens e duas mulheres - e deveriam dizer qual deles era o protagonista da história. Meninos e meninas de 5 anos de idade tendiam a identificar o protagonista com sendo de seu próprio gênero. No entanto, meninas de 6 e 7 anos tinham maior tendência a identificar o protagonista como sendo homem. Isso sugere que a percepção das crianças sobre inteligência muda rapidamente e que estereótipos de gênero já são evidentes aos 6 anos.

É notório que a luta pelos espaços das mulheres na sociedade deve ser constante, buscando a quebra de estereótipos sociais e profissionais, e mostrando que elas também têm capacidade intelectual ou profissional. Enquanto os homens já nascem em uma sociedade que os privilegia, tendo que apenas manter seus postos e influências, muitas vezes passadas de gerações em gerações. Além dessas situações estudos apontam o “*Efeito Matilda*” que escondem e esconderam durante séculos a participação da figura feminina como participante,

contribuindo para o desenvolvimento da ciência e pesquisa. A Revista Galileu Galilei (2018, online), explica que:

O termo é uma homenagem à sufragista Matilda Joslyn Gage, que em 1893 escreveu o ensaio *Woman as an Inventor* ("A mulher como uma inventora", em tradução livre) para protestar contra o imaginário dominante de que uma mulher não tem genialidade para invenções. Em 1993, a historiadora da ciência Margaret W. Rossiter, da Universidade Cornell, homenageou Gage em suas pesquisas para descrever o efeito.

Além dessas situações serem denunciadas desde o século XI, ainda são muito frequentes no século XXI, colaborando para os obstáculos na carreira das mulheres que almejam seguir nessa área. Observa-se que na área de pesquisa, muitas vezes, os artigos submetidos por mulheres encontram mais dificuldade em serem aprovados. Muitas vezes o mesmo artigo, quando incluído um nome masculino, acaba tendo mais facilidade de ser aprovado. O que desvaloriza ainda mais a contribuição do sexo feminino nas áreas acadêmicas e posteriormente em mestrado, doutorado e pós-doutorado. Carachinski (2020, online) apresenta alguns vivenciados por mulheres:

Mulheres que tiveram seus trabalhos atribuídos a homens, temos casos como o de Lise Meitner, responsável por descobrir a fissão nuclear, a qual teve sua descoberta atribuída a Otto Hahn; Rosalind Franklin, cujos resultados de suas pesquisas determinaram a proposta da estrutura de dupla hélice do DNA, tendo seus dados sido utilizados por James Watson para a produção (escrita) dos artigos dele, e estes não a citavam. Também há o caso de Alice Ball, pesquisadora que desenvolveu o primeiro tratamento bem-sucedido contra a hanseníase e teve sua descoberta atribuída a Arthur Lyman Dean, chefe do departamento no qual Alice trabalhava.

Considerando a visibilidade historicamente dada aos homens na área das ciências exatas pode-se observar que a área ainda é um campo predominante pelo masculino. Cordeiro, Silva e Barboza (2019, p. 03) explicitam que "a mulher se manteve à margem dos conhecimentos científicos durante décadas, o que gerou o mito de que a mesma não teria capacidade suficiente para adentrar na área das ciências". Este tipo de pensamento alimenta o preconceito contra as

mulheres, deixando-as a acreditar na possibilidade de ser um campo direcionado ao homem.

2.3 A HISTÓRIA DO IFPR - INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ COM ÊNFASE NO CAMPUS CAPANEMA E CAMPUS AVANÇADO DE BARRAÇÃO

A história do Instituto Federal do Paraná alia-se ao desenvolvimento da cidade de Curitiba, desde a vinda dos imigrantes da Alemanha, passando pelos fatos sociais – locais e mundiais – que influenciaram o desenvolvimento da Educação do Paraná (PARANÁ, 2024, online). O movimento das escolas alemãs foi liderado pelo professor Fernando Augusto Moreira, sendo que, em 1914 essas escolas passaram a ser chamadas de Colégio Progresso. Já em 1936 é criado o “*Curso Comercial*”, que funcionava nas dependências da já extinta Escola Alemã. Em 1941, o “Curso Comercial” passa a denominar-se Academia de Comércio Progresso. No ano seguinte, por ato do Ministério da Educação e Cultura, o curso passa a ser dirigido pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, sob a dominação “Escola Técnica de Comércio anexa à Faculdade Federal do Paraná”.

No ano de 1950, com a federalização da Universidade do Paraná, a Escola continuou mantida pela Faculdade de Direito. Em 22 de janeiro de 1974, a Escola é integrada à Universidade Federal do Paraná, sob a denominação de Escola Técnica de Comércio da Universidade Federal do Paraná. Em 1990 recebe um novo título: Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná. Em 1994, por decisão dos governos Federal e Estadual, a rede pública de ensino deixa de ofertar cursos técnicos. O site do Instituto Federal do Paraná (2024, online) descreve que:

Em 19 de março de 2008, o Conselho Universitário da UFPR autoriza a implantação do Instituto Federal do Paraná a partir da estrutura da Escola Técnica. Com isso, a ET é autorizada a desvincular-se da UFPR para aderir, sediar e implantar o Instituto Federal. Em dezembro do mesmo ano, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, sanciona a Lei 11.892, que cria 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Atualmente o IFPR - Instituto Federal do Paraná é composto por 20 (vinte) *campi*, mais 6 (seis) *campi* avançados e 4 (quatro) centros de referência sendo eles distribuídos por todo o Estado do Paraná e localizados nos municípios de Assis Chateaubriand, Campo Largo, Curitiba, Cascavel, Foz do Iguaçu, Irati, Ivaiporã, Jacarezinho, Londrina, Palmas, Paranaguá, Paranaíba, Telêmaco Borba, Umuarama, Capanema, Pitanga, União da Vitória, Colombo, Pinhais, Jaguariaíva, Barracão, Quedas do Iguaçu, Coronel Vivida, Astorga e Goioerê. Segue o mapa localizando os Campi no Estado:

FIGURA 2 – Mapa localizando os campi do IFPR



Fonte: Página do Instituto Federal do Paraná, [PNP 2022 – Ano Base 2021](#).

O IFPR é responsável pela oferta do ensino desde a modalidade do Ensino Médio-Técnico, Graduação, Pós-Graduação além de cursos presenciais e a distância, também oferece pesquisas e programas de ensino e extensão que são implantados com parcerias de diferentes setores da sociedade, o que assegura ainda mais o seu compromisso com a população ofertando uma educação científica e tecnológica pública e de qualidade.

O Campus de Capanema está localizado no sudoeste do estado, no Município de Capanema, fronteira com a Argentina. Iniciou suas atividades em 2014 ofertando cursos para atender os arranjos produtivos locais, como: Técnico em Agroecologia, Cooperativismo e Informática, também na oferta do curso

Superior na área da Licenciatura em Matemática, além de ofertar cursos técnicos subsequentes na modalidade de Ensino a Distância atendendo alunos dos municípios de Capanema, Planalto, Pérola d'Oeste, Realeza, Bela Vista da Caroba e demais municípios da região.

O Campus Avançado de Barracão foi criado no ano de 2012 sendo um ponto estratégico para atender a Tri-fronteira atendendo: Barracão (Paraná), município que, juntamente com Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina), além de atender outras cidades da região como Bom Jesus do Sul, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita. O Campus oferece cursos integrados ao ensino médio, sendo eles técnico em administração e técnico de informática, além de oferecer também graduação em comércio exterior.

Na sequência será apresentado o quadro de servidores efetivos, PSS, terceirizados e estagiários dos Campus Capanema e Campus Avançado Barracão:

Tabela 03 – Servidores campus Capanema

CARGO	TOTAL
Docentes	32
Técnicos Administrativos em Educação	16
Terceirizados	11
Estagiários	5

Fonte: Página do Instituto Federal do Paraná - Institucional 17/05/2024.

<https://ifpr.edu.br/capanema/terceirizados>

Tabela 04 – Servidores Campus Avançado Barracão

CARGO	TOTAL
Docentes	24
Técnicos Administrativos em Educação	10
Terceirizados	06
Estagiários	04

Fonte: Página do Instituto Federal do Paraná – Campus Barracão – 11/07/2024

<https://ifpr.edu.br/barracao/institucional/ptd/>

No caso da Licenciatura em Matemática no Campus Capanema vale ressaltar que temos um total de 12 (doze) docentes, sendo: 3 professores de matemática e 2 professoras de áreas afins; 3 professoras de matemática e 4 professoras de áreas afins.

3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como pressuposto uma pesquisa de cunho qualitativo. e acordo com Severino (2007, p. 119) “quando uma pesquisa adota uma abordagem qualitativa, faz referência mais aos seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”. Além disso, utilizou-se também a técnica da entrevista, que é definida por Gil (2016, p. 109) como:

Uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessam a investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Nessa perspectiva, foi realizada uma entrevista com as professoras atuantes no Instituto Federal do Paraná - Campus Capanema e Campus Avançado Barracão, que lecionam nas disciplinas na área de matemática nos cursos voltados ao ensino médio e também na licenciatura.

Neste contexto, esta pesquisa tem o interesse em responder às seguintes questões: como foi o processo educacional das mulheres no Brasil? Considerando, as participantes da pesquisa, como ingressaram na universidade? Como foi o processo de inserção e construção em seus ambientes de trabalho dentro da universidade?

Diante dos problemas de pesquisa, este trabalho tem como objetivo geral investigar como foi o processo educacional na área da matemática das participantes da pesquisa. Os objetivos específicos são:

- Compreender a história da condição feminina e sua inserção no mundo do trabalho;
- Investigar a trajetória acadêmica e profissional das entrevistadas;

- Escrutinar as dificuldades de enfrentamentos enquanto gênero na área das ciências exatas, em específico a matemática;
- Verificar a inserção das participantes no mundo do trabalho.

Para responder os problemas da pesquisa e atingir os objetivos foram entrevistadas com 5 (cinco) professoras. Sendo que as entrevistas foram realizadas de modo presencial ou via *Meet*, conforme disponibilidade das entrevistadas. Destaca-se que todas as entrevistas foram gravadas com a autorização das entrevistadas. Os tópicos que nortearam a entrevista foram:

Tabela 5 – Questões da entrevista

01 - Nome completo
02 - Sexo
03 - Idade
04 - Formação inicial
05 - Nível de graduação
06 - Por qual motivo escolheu o campo da matemática para atuação?
07 - Na sua trajetória acadêmica encontrou ou observou dificuldades que se vinculam a condição feminina?
08 - Enquanto profissional na área da matemática encontra entraves no desenvolvimento da sua carreira devido a sua condição feminina?

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por motivos de sigilo de informações, as entrevistas foram identificadas da seguinte forma: P1 (Professora 01), P2 (Professora 02), P3 (Professora 03) e assim por diante, conforme o número de entrevistadas. Além desses oito tópicos vale frisar que no decorrer da entrevista foram realizadas outras perguntas vinculadas ao tema que não estavam escritas no roteiro.

Além disso, foi realizado também um estudo bibliográfico com o intuito de fazer uma abordagem histórica do acesso à educação das mulheres no Brasil, onde utilizou-se os seguintes livros Gerda Lerner - A criação do Patriarcado, Michelle Perrot - Os Excluídos da História, Heleieth Saffioti - A Mulher na Sociedade de Classe. Além desses livros, utilizou-se também como embasamento teórico alguns artigos que foram pesquisados nas plataformas Google Acadêmico e no banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com as seguintes os seguintes descritores para pesquisa do assunto: 1) “Mulheres na Matemática”; 2) A participação das mulheres nas ciências exatas; 3) Educação Brasileira; 4) Mulheres e o acesso à educação; 5) A história das mulheres

no Brasil, resultando conseqüentemente no levantamento de algumas produções de artigos que também foram fundamentais para compor esta pesquisa, sendo eles: A Educação de Mulheres do Período Colonial Brasileiro Até O Início Do Século XX: Do Imbecilitus Sexus À Feminização Do Magistério (Cristina da Silva Krause e Maicon Krause, 2016); A Matemática Brasileira Sob a Perspectiva de Gênero, (Carolina Araújo, 2018); A História da Hipátia e de Muitas Outras Matemáticas (Cecília de Souza Fernandez; Ana Maria Amaral Luz Fassarella; Isabela Vasconcellos Viana, 2019); As Implicações Do Patriarcado Na História Das Mulheres: Apontamentos Históricos (Cristiane de Paula Ribeiro, 2021); Alguns Modos de Ver e Conceber o Ensino da Matemática no Brasil (Dario Fiorentini, 1995); A Mulher na Sociedade de Classes; História das Ideias Pedagógicas no Brasil (Helena Saffioti, 2013); Às Mulheres nas Escolas de Engenharia Brasileiras: História, Educação e Futuro (Carla Giovana Cabral, s/d); Antropologia Estrutural Dois (Claude Lévi-Strauss, 2013); Decreto 7.247 - Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império (Cristiane Melo; Cristina Gomes Machado, 2009); Matemática das Universidades Estaduais Paulistas - Brasil (Mariana Freitas Cavalari, 2010); Mulheres e Educação no Brasil Colônia: Histórias Entrecruzadas (Miranda Inês Arilda Ribeiro, s/d); Mulheres Matemáticas: Presença Feminina na Docência no Ensino Superior de Introdução à História da Matemática (Mariana Freitas Cavalari, 2010); Participação Feminina no Mercado de Trabalho: Evolução e Determinantes (Guilherme Luiz Scorzafave; Aquino Laercio Menezes-Filho, 2001); Templos de civilização: a implantação da escola primária (Rosa Fátima de Souza, 1998); Um Olhar Na História: A Mulher Na Escola (Brasil: 1549 – 1910), (Maria Inês Sucupira Stamotto, s/d). Além desses materiais utilizados a pesquisa também aborda a história da criação do IFPR destacando especialmente o Campus Capanema.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme descrito anteriormente, foram entrevistadas cinco professoras que atuam no Instituto Federal do Paraná - Campus Capanema e Campus Avançado Barracão. A seguir são apresentados alguns dados das entrevistadas:

Tabela 6 – Formação das Entrevistadas

PROFESSORA	SEXO	FORMAÇÃO INICIAL	NÍVEL DE GRADUAÇÃO
P1	Feminino	Licenciatura em Matemática	Doutorado
P2	Feminino	Bacharelado em Matemática pura e Licenciatura em Matemática	Doutorado
P3	Feminino	Administração e Licenciatura em Matemática	Mestrado
P4	Feminino	Licenciatura em Matemática	Doutorado
P5	Feminino	Licenciatura em Matemática	Doutorado (em andamento)

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As entrevistadas concluíram suas formações iniciais entre os anos de 2003 e 2022. Além disso, todas possuem mestrado ou doutorado, sendo que uma das entrevistadas tem previsão de conclusão do doutorado em 2025. Essas professoras atuaram nas diversas áreas de educação, desde o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, em escolas públicas e particulares. Também atuaram em diferentes cursos de graduação e pós-graduação.

O percurso acadêmico e profissional das entrevistadas possibilitará a análise dos enfrentamentos por suas condições de gênero nas diferentes áreas da matemática (seja quem optou por cursar Licenciatura em Matemática ou Bacharelado em Matemática).

Nessa perspectiva, é necessário entender o motivo que as levaram a escolher um curso na área das exatas. Segue as respostas das entrevistadas:

P1: Eu sempre me identifiquei com a área e desde o ensino fundamental II. Tive bons professores de matemática e também tive algumas dificuldades, mas já me identificava com a área. E nos últimos dois anos do ensino fundamental recebi muito incentivo de uma determinada professora que me motivou e ajudou a seguir nessa área de licenciatura (P1, 2024).

P2: Eu sempre gostei das exatas, tanto que ainda no Ensino Médio optei por um curso técnico na área de informática. E logo após nos momentos de prestar vestibular tinha ideia de passar de primeira em

uma federal para não ter que ir estudar em uma particular, pois vinha de uma família muito humilde. Então prestei um vestibular para a área de informática e, observado a concorrência por cursos de outras universidades, acabei prestando vestibular também na área da matemática, tendo em vista que o curso também era de exatas. Fui aprovada nos dois vestibulares e acabei optando por cursar bacharel em matemática devido a Universidade. Foi uma real surpresa pois acabei descobrindo que gosto mais de matemática do que de informática (P2, 2024).

P3: O meu interesse cursando administração era para futuramente abrir uma loja. Quando me formei abri uma loja, porém não deu muito certo então logo fui convidada para lecionar em universidades. Mais tarde me especializei em cursos de finanças e fiz um mestrado em Desenvolvimento Regional, e assim mais tarde cursei uma formação pedagógica na área da matemática (P3, 2024).

P4: Então, desde pequena eu já gostava de jogos quebra-cabeça, peças de montar tipo lego, dominó, etc. Na época da escola, eu adorava fazer contas e resolver problemas. Se tinha tema de casa de Matemática, esse era o primeiro que eu ia fazer rsrsrs. Eu me sentia muito feliz quando conseguia fazer um exercício ou resolver um problema. Os professores de Matemática que tive também influenciaram na minha escolha, pois como eu gostava de Matemática e entendia os conteúdos, os professores pediam pra eu ajudar os colegas e eu amava ajudar e explicar. Outra coisa que me influenciou e bastante, foi que meu pai era professor e mesmo que ele falasse pra eu seguir outra profissão, eu admirava a profissão de professor e admirava meu pai (P4, 2024).

P5: Eu sempre tive muita facilidade com a matemática que eu encontrei na vida escolar. Quando entrei na graduação eu achava que ia aprender na faculdade aquilo que aprendi no ensino fundamental e ensino médio, mas na verdade foi um choque de realidade muito grande. Quando entrei na universidade, percebi que não tinha uma boa base matemática, talvez por sempre ter estudado em escolas públicas, não sei. Mas sinto que cai na matemática meio que de paraquedas (P5, 2024).

No relato das docentes é possível verificar que vários fatores influenciaram a escolha pela área da matemática. Percebe-se que, nos casos da P1, P4 e P5 a principal influência e motivação para a escolha da sua formação inicial, foram seus docentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Na sequência, foi realizada uma pergunta, que não estava no roteiro, na qual buscou-se investigar qual era o quantitativo de homens e mulheres na graduação e na pós-graduação. A maioria respondeu que o número de matriculados tanto na graduação quanto na pós-graduação eram praticamente iguais. Apenas uma entrevistada respondeu que durante o seu curso de graduação a maioria eram

homens, porém a discrepância não era exageradamente grande. Compete ressaltar que uma das entrevistadas destacou que quando cursou o mestrado a maioria na turma eram homens e em conversa com antigos estudantes do curso, essa diferença de ingresso por sexo era “normal”. Apesar da mulher ter conquistado cada vez mais o seu espaço no século XX e XXI, é notório como demonstra estudos da CAPES citado por Araújo (2018), ainda temos um quantitativo maior de homens na pós-graduação.

Na sequência, as docentes foram questionadas sobre os quantitativos de docentes homens e mulheres durante a sua graduação. Nesse caso serão apresentadas duas respostas:

P4: Os meus orientadores, a maioria eram homens, eu lembro que no mestrado tinha apenas uma orientadora mulher e o restante todos homens. Essa por sua vez, tinha a agenda muito cheia e não conseguia atender todos os alunos, gostaria muito de ter tido mais contato com professoras mulheres, sinto que me sentiria mais encorajada e teria alguém como referência para seguir o exemplo (P4, 2024).

P1: Os meus professores na graduação 90% eram homens e uns 10% mulheres e eu percebia que mesmo dentro dos colegiados essas professoras tinham um lugar menos privilegiado, depois mais no final do curso chegaram algumas professoras que eram doutoras na área da matemática e na área da educação e eu consegui sentir que isso foi um divisor de águas dentro da Universidade, eram professoras muito boas, inclusive melhores que alguns professores, porém eu conseguia perceber que elas tinham que conseguir ficar provando constantemente que elas eram boas e suficientes. Para mim isso foi muito marcante pois consegui enxergar como éramos tratadas na nossa área de atuação (P1, 2024).

O relato das entrevistadas evidencia duas realidades distintas. No primeiro relato observa-se o cenário de uma acadêmica de mestrado onde em seu ambiente acadêmico há apenas uma docente mulher e não tinha abertura de conversa ou troca de conhecimentos, devido a agenda da docente estar sempre lotada e indubitavelmente, essa situação influenciou a sua trajetória acadêmica tendo que buscar outro referencial para se sentir pertencente, acolhida dentro do próprio espaço de formação. O relato da P1 retrata a sua experiência ainda na graduação, ambiente na qual ela tinha contato com docentes mulheres. É interessante como ela consegue perceber a diferença de tratamento dentro do ambiente de trabalho entre

homens e mulheres, fato que influenciou e motivou a entrevistada a continuar nesta área. Ou seja, quando uma mulher ocupa determinado espaço, que historicamente vem sendo ocupado por homens, é muito mais fácil influenciar e cativar outras mulheres fazendo com que elas acreditem que é possível ocupar esses lugares importantes e que eles também pertencem a elas.

A próxima pergunta foi sobre as dificuldades encontradas durante a trajetória acadêmica que se vinculam as condições femininas:

P1: Eu me lembro que no final do ensino médio ao comentar com professores e até mesmo professoras e colegas de que iria cursar matemática, recebi comentários do tipo "Há, por que não cursa pedagogia ou biologia?" "matemática?" acredito que recebia esses comentários por se ter ainda essa perspectiva de que a matemática era uma área predominante pelo sexo masculino.

Lembro também de um episódio, eu tinha uma colega no curso que se destacava, era muito boa em matemática e em cálculos e me ajudava muito dentro das minhas dificuldades, e um dia ela comentou comigo referente a um professor que havia dito a ela "a fulana ela é muito boa e dedicada, mas, ela devia fazer Pedagogia" eu me lembro que me questionei muito sobre trocar de curso, e cheguei a pensar de que aquilo não era pra mim, mas, me senti desafiada a concluir e eu percebi que as pessoas colocam em dúvida a nossa própria capacidade, e eu já tinha essa ideia de que não era por ser mulher pois, os meninos que estavam no curso também tinham as mesmas dificuldades que a gente tinha, tiravam nota baixa, corriam atrás de apoio, como a gente. E pude perceber que não era pela nossa condição feminina e hoje consigo enxergar isso ainda mais (P1, 2024).

P2: Eu mesma, nunca senti comigo pelo menos algo relacionado, talvez não tive maturidade e acabou passando despercebido, isso na graduação. Mas conhecendo outras colegas, já ouvi outros vários relatos de amigas que passaram por diversas situações como não levar crédito pelas suas próprias contribuições, sendo muitas vezes destinado a um colega homem (P2, 2024).

P3: Eu não percebia essas situações enquanto acadêmica, mas na área profissional, no mercado de trabalho, sim observo essas situações. Na graduação talvez possa ser que eu não ligava muito e tenha passado despercebido (P3, 2024).

P4: Na graduação, quando eu estava no segundo ano, aconteceu uma fala de um colega que eu nunca mais esqueci, a gente estava estudando em didática um pouco da história da matemática e um colega acabou comentando "é professor, então é verdade que as mulheres têm mais dificuldade do que os homens em matemática, porque quando observamos a história da matemática só tem homens que criou isso, ou criou aquilo" e meu professor respondeu ... "É, mais você esquece que naquela época as mulheres eram proibidas

de estudar e mesmo que elas tivessem algo para publicar, isso não era publicado no nome delas.” Achei muito válida essa fala do professor pois esclareceu muito a opinião de vários colegas. Outra situação foi no mestrado pois só tinham duas mulheres e o restante homens, eu percebia que ocorria na graduação, mas não era muito explícito eu percebia que as mulheres tinham sempre que estar provando de que eram capazes e os professores sempre acabavam esperando mais dos homens (P4, 2024).

P5: Na minha graduação, por ser licenciatura, as matérias de matemática pura a maioria eram apenas homens que lecionaram e as disciplinas de didáticas eram lecionadas pelas mulheres. Hoje eu tenho mais consciência de que durante a graduação em relações bem violentas no sentido da aula, da fala, eu lembro que a gente não tinha liberdade para questionar. Lembro que no primeiro ano todos os alunos foram muito mal em uma prova e o professor jogou as avaliações no lixo para que pudéssemos pegar, essas microviolências sempre aconteciam nas aulas desses professores. Eu me lembro que nas disciplinas de didáticas éramos bem mais acolhidos, mais cuidados e não havia essas situações de poder (P5, 2024).

Os relatos das docentes evidenciam várias situações envolvendo as escolhas pela matemática. P1 contou que, quando estudava no Ensino Médio foi questionada sobre a sua escolha de curso de graduação, por ser uma área de exatas. Neste contexto, é possível identificar que mesmo no século XXI, ainda acreditava-se nos estereótipos de que a área da matemática não era um espaço para as mulheres. As idéias e estereótipos acabam influenciando as mulheres e gerando o sentimento de dúvidas, muitas vezes questionando sua própria capacidade, levando a desacreditar em si mesmo e desistindo no meio do caminho ou a nem percorrer tal escolha, fazendo com que as continuem nas margens de seus conhecimentos científicos e não conquistando seus espaços. Essas situações acabam sendo responsáveis por contribuir com a mínima participação das mulheres no campo das ciências exatas, e colaborando para que a participação masculina seja predominante na área. Como cita Fernandes (2006, p. 69),

Os neurologistas apontam nas suas pesquisas que a capacidade intelectual da mulher e os mitos sobre sua inferioridade não são facilmente desconstruídos culturalmente e resistem ao longo do tempo, principalmente porque foram construídos culturalmente e movidos como verdade, aumentando a discriminação de gênero na sociedade, que vai refletir-se no espaço educacional e profissional.

No caso das professoras P2 e P3, percebe-se que, conforme foram amadurecendo acabaram percebendo as situações de enfrentamentos, fatos que passaram despercebidos no período de graduação. Ainda, a P2 afirma já ter ouvido relatos de outras colegas de que suas contribuições não eram consideradas e quando as mesmas idéias eram feitas por colegas homens, eles acabavam levando o crédito. Situações como esta evidenciam o “Efeito Matilda”, conforme destacado por Carachinski (2020).

Dando continuidade à entrevista, foi solicitado que as entrevistadas relatassem como foi o processo de inserção no mercado de trabalho.

P1: Aqui na região de Capanema senti uma certa dificuldade com relação aos alunos, pois percebo que eles têm uma dificuldade em receber comandos vindo de mulheres. Percebo que tem certas dificuldades que nós mulheres enfrentamos em sala de aula em relação a sua atividade docente e que colegas homens não enfrentam, diante disso é necessário que nós mulheres vamos nos colocando nos impondo e conversando de que estamos ali executando o nosso trabalho e independente do nosso sexo (P1, 2024).

P2: A relação com colegas da mesma área acredito que nunca tenha tido problemas, mas com alunos sinto dificuldades, em algumas turmas eu sinto que há uma simpatia “natural” com os homens e há uma antipatia “natural” com as mulheres, percebo que as mulheres tem que se esforçar muito mais para serem queridas, muito amiga, percebo que uma professora séria e tímida tem muito mais dificuldade e tem que se esforçar muito mais, e quando temos um homem sério e tímido não precisa passar por essas situações, sinto que os professores homens tem uma simpatia logo de início e que tendem a ser menos cancelado (P2, 2024).

P3: Observei uma certa dificuldade no mercado de trabalho, percebo que nós mulheres temos sempre que estar fazendo mais para mostrar que somos capazes e a nossa competência. Eu coordeno um projeto e nesse projeto tem dois professores homens e uma professora mulher, que no caso sou eu, então para mim é muito nítido, que quando eles tomam a liderança fica mais tranquilo e por conta disso, mesmo coordenando o projeto eu acabo ficando com outras tarefas, pois percebo que eles têm mais destaque, são mais ouvidos, são menos questionados, enquanto nós mulheres temos que falar mais coisa temos que mostrar cada vez mais para sermos ouvidas. Muitas vezes também quando estou desenvolvendo um projeto, eu preciso buscar recursos e quando peço o auxílio de homens a primeira resposta que recebo é um “não dá, não é possível” aí eu fico, “como assim não é possível?” então acabo indo atrás, percebo que não é da forma que ele falou. E vejo que muitas vezes eles não querem nem tentar nos ajudar, e acabamos indo contra todo esse enfrentamento para tentar fazer com que aquele

projeto de evento, viagens pros alunos, enfim, seja realizado (P3, 2024).

P4: Nunca tive enfrentamento de outros colegas da profissão, e enquanto docente percebo que não podemos diferenciar os alunos, não classificar os alunos em, ah, aquele tem mais capacidade de me entregar um bom trabalho, penso que todos os alunos tem capacidade independente do sexo, acredito que a experiência que tive na graduação me mostrou que devemos sempre lutar enquanto ser docente e não deixar que essas discriminações e pré conceitos classifiquem nossos alunos (P4, 2024).

P5: Sim, quando eu ainda estava na graduação e trabalhava na rede privada, na escola em que eu trabalhava cada pessoa ganhava um valor por hora aula independente se as duas trabalhavam nos sextos anos, ou as duas no nono ano, e aos poucos quando íamos descobrindo a diferença salarial entre homens e mulheres era assim, gritante!! Além disso, essa escola preferia sempre manter as mulheres para lecionar nas turmas iniciais enquanto os homens lecionavam no ensino médio e cursinhos, a escola sempre tinha essa preferência em pôr os homens em lugares de poder, lugares de mais destaque e as mulheres sempre com turmas iniciais quinto e sextos anos. E atualmente no meu ambiente de trabalho isso é muito comum, antes de ser afastada para o doutorado eu participei de uma reunião e nessa reunião uma professora estava se posicionando de forma um pouco alterada porque ninguém estava prestando atenção na sua fala e foi taxada como louca, e percebo que quando é um homem, ele está argumentando com potência. Percebo também que no meu trabalho é uma burocracia muito grande quando você quer fazer alguma coisa, tem que pedir para várias pessoas, tem que ver se é possível, agora quando é um homem parece que tudo é muito mais fácil, parece que eles conseguem passar por várias hierarquias de forma muito mais simples, enquanto nós mulheres temos que subir vários degraus para conseguir algo, sinto que para eles é muito mais fácil, e nós não somos ouvidas, temos que falar, e falar outra vez, enquanto na verdade não é sobre isso né (P5, 2024).

As falas das professoras remetem que a dificuldade direta com colegas da mesma área não é recorrente, os enfrentamentos e embates sofridos costumam ocorrer com os discentes. Conforme citado pela P1: “dificuldades em receber comandos femininos”. Esses comandos podem ser relacionados a situações como pedir silêncio em sala de aula, prestar atenção nas explicações da professora. Muitas vezes essas pequenas situações geram um enfrentamento enorme como respostas ríspidas. Será que essas mesmas situações ocorrem com colegas homens, quando cobram os mesmos alunos nas mesmas situações?

Em alguns momentos da entrevista conseguimos perceber que as entrevistadas citaram algo comum como “As mulheres têm que estar frequentemente

provando a sua capacidade e competência”. Na área de exatas, é evidente que as mulheres estão constantemente em situações de enfrentamento e por conta disso precisam se desdobrar para serem ouvidas e mostrar que são capazes de ocupar aqueles espaços. Além disso, é notório o esforço que fazem para ser mais gentis ou até mesmo aceitas em seus ambientes de trabalho. Um caso citado pelas entrevistadas P4 e P5 foi o enfrentamento sofrido no ambiente de trabalho, quando propuseram um projeto, um evento, ou algo diferente, sempre aconteceu esse embate, essa resistência tentando convencer de que não é possível realizá-lo, ou de que não vai dar certo. Esse tipo de situação é desgastante e infelizmente muito frequente quando a ideia é liderada por uma mulher. Será que essas situações acontecem quando são homens que coordenam ou lideram os projetos?

Outra situação de desvalorização do sexo feminino nesse ambiente da matemática é a experiência relatada pela P5, a qual expõem as suas condições de trabalho em uma instituição particular, apesar de não ser o foco desta pesquisa, é importante destacar que a entrevistada menciona a desigualdade nos salários, entre funcionários homens e mulheres. Compete ressaltar que esses funcionários, independente de sexo tinham o mesmo nível de formação e também as mesmas responsabilidades. Além dessa situação, nesse mesmo relato é possível identificar a desvalorização feminina na área da matemática, analisando a maneira em que a escola se organizava, preferindo que professoras mulheres assumissem turmas iniciais e professores homens assumissem turmas de cursos ou turmas que estavam nos anos finais.

As entrevistas retratam a realidade diversa na qual as mulheres estão inseridas, em especial por conta da condição feminina que ainda sofrem situações diversas, ou seja, é comum, em pleno século XXI, que o fato de ser do sexo feminino possa limitar o trabalho ou trazer implicações para o desenvolvimento das atividades laborais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu compreender o processo educacional no Brasil e principalmente de que forma ele foi ofertado às mulheres, analisando suas participações desde os anos iniciais até o ingresso nas universidades, destacando momentos importantes como a entrada das mulheres ao mundo do trabalho e outros direitos que foram conquistados no decorrer de sua busca por educação formal. Além disso, esta pesquisa também permitiu, por meio dos relatos, compreender as dificuldades e enfrentamentos que as mulheres vêm sofrendo diariamente em seu ambiente de trabalho após optar por atuar em uma área que ao longo dos tempos foi majoritariamente predominada por homens.

Aos homens foi permitido o acesso ao saber formal, as influências políticas, e econômicas, aos homens foi permitido ir à lua, construir foguetes, armas e desenvolver teorias filosóficas, e matemáticas. Enquanto para as mulheres o único direito era o de ser mãe e cuidadora do lar, por muito tempo isso aconteceu, as mulheres eram marginalizadas escravizadas, exploradas e até comparadas com doentes mentais.

Na área da matemática isso não era diferente, mais tarde com o acesso à educação formal, as mulheres ainda assim continuavam sendo subordinadas. De acordo com o sistema estabelecido (em 1827 no Brasil), por exemplo, às mulheres só era permitido ensinamentos como aprender a ler, escrever as quatro operações matemáticas e a economia doméstica. Apesar dos avanços para a sociedade da época, o sexo feminino ainda não era “bom o suficiente” para realizar cálculos de expressões algébricas, aritmética, números decimais, sendo esses disponibilizados apenas para os homens.

É notório a visibilidade dada aos homens na área da matemática, como por exemplo, na nomenclatura dos teoremas matemáticos (Teorema de Pitágoras, Teorema de Euler, entre outros...) Dessa forma, é explícito que, apesar dos avanços e oportunidades conquistadas, as mulheres ainda continuam atrasadas na corrida profissional.

Os relatos das entrevistadas, mostram que, durante as suas formações, tanto na graduação, quanto na pós-graduação, o quantitativo de homens e mulheres eram praticamente iguais. Este fato evidencia que as mulheres estão buscando realizar

suas formações em matemática, desconstruindo preconceitos e buscando carreiras em áreas que, historicamente, foram dominadas por homens.

Além dessa situação, podemos perceber que, ainda no período de graduação, as entrevistadas citaram que tanto as mulheres quanto os homens tinham dificuldades em algumas disciplinas e tiravam notas abaixo da média, mas, isso não estava relacionado ao gênero. Isso mostra que as mulheres são capazes de apreender matemática e que esses conceitos são apenas estereótipos sociais que devem ser quebrados.

Outra situação interessante que também ocorreu com as entrevistadas está relacionada ao contexto profissional. Elas citam que em sua área de trabalho precisam estar frequentemente “provando a sua capacidade”, “falando, falando...”, “sempre temos que mostrar mais, falar mais para provar nossa competência”. Percebe-se que as mulheres ainda precisam afirmar diariamente sua capacidade.

Ao retomar os objetivos da pesquisa, reiteramos que é necessário desmistificar o atrelamento das profissões a questão de gênero, ou seja, não há profissão feminina ou masculina, há processo formativo que possibilita a atuação profissional de qualidade. Percebe-se que, ao longo da história, muitas mulheres produziram conhecimento científico e ainda produzem e continuam, muitas vezes, negligenciados no reconhecimento profissional por conta da condição feminina.

Isso significa que, apesar de realidades diferentes de formação, em algum momento da vida acadêmica e profissional a condição feminina deixou marca de desconforto e sofrimento, trazendo implicações para o pleno desenvolvimento das mulheres. Tal condição foi retratada desde o início deste texto, com uma breve retomada da história.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carolina. Ciência e Cultura. **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. São Paulo, 2018, Volume 07, N.01, Janeiro/Março. [site] Disponível em: [A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero](#). Acesso em: 11 de dez. de 2023.
- ASSIS, Santiago Elias. **As Relações de Gêneros na licenciatura em matemática**. *Revista Binacional Brasil e Argentina*, Local, v.xx. n.x, p. XX- XX 2020.
- BRASIL. Decreto Nº 7.247, de 19 de Abril De 1879 - Publicação Original. Reforma do ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o império. **Diário Oficial da União** 19 de abril de 1879. Disponível em: [Legislação Informatizada - DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879 - Publicação Original](#) - Acesso em: 01 de mai. de 2024.
- CABRAL, Carla Giovana. **As mulheres nas escolas de engenharia Brasileiras: História, Educação e Futuro**. Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (doutorado) - Campus Universitário - Trindade - Florianópolis.
- CARACHINSKI, Mariana. **Efeito Matilda**. (2020) [site] Disponível em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2020/04/30/efeito-matilda/>. Acesso em: 10 de julh. de 2024.
- CARVALHO, Carlos Leôncio de. **Decreto 7.247 - Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império**. In: BARBOSA, Rui. Reforma do Ensino Secundário e Superior. Obras Completas. v. IX, tomo I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942. p. 273-303.
- CAVALARI, Mariana Freitas. **Mulheres Matemáticas: Presença Feminina na Docência no Ensino Superior de Matemática das Universidades Estaduais Paulistas - Brasil**. *Revista Brasileira de História da Matemática* - Vol 10. pg.89-102, Setembro de 2010.
- CORDEIRO, Jane; SILVA, Noemita; BARBOZA, Pedro. **A presença feminina na matemática A presença das mulheres na matemática A presença feminina nas matemáticas**. 19. de dezembro de 2018.
- EVES, Howard. **Introdução à História da Matemática**. Tradução: Hygino H. Domingues. Unicamp, Campinas: Unicamp 2011.
- FERNANDEZ, Cecília de Souza; AMARAL, Ana Maria Luz Fassarella; VIANA, Isabela Vasconcellos. **A História da Hipátia e de Muitas Outras Matemáticas**. Rio de Janeiro: SBM, 2019.
- FERNANDES, Maria da Conceição Vieira. **A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero**. 107p. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.

FIORENTINI, Dario. **Alguns Modos de Ver e Conceber o Ensino da Matemática no Brasil**. Zetetike, Campinas, SP, v.3, n.1, p 1-38, 1995. [site] Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646877>. Acesso em: 04 de març. de 2024.

GALILEU. **Efeito Matilda' esconde as mulheres na história da ciência: entenda**. (2018) [site] ['Efeito Matilda' esconde as mulheres na história da ciência: entenda - Revista Galileu | Sociedade](#) Acesso em: 01 de mai. de 2024.

GIL, Carlos Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed.- 7 Reimpr. São Paulo: Atlas, 2016.

HOLLANDA, Buarque Heloísa. **Pensamento Feminista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Enade 2017: **Relatório síntese de área – matemática (bacharelado/licenciatura)**. Brasília, 2018, 748 p.

KRAUSE, Cristina da Silva Cavalcante; KRAUSE, Maicon. **A Educação de Mulheres do Período Colonial Brasileiro Até A O Início Do Século XX: Do Imbecilitus Sexus À Feminização Do Magistério**. X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul - Ocidental. VIII Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas no Pan-amazônia. 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LÉVI-STRAUUS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013. Rio de Janeiro.

MOURA, Maiara Chaves. **Livros didáticos e BNCC**. A Participação da Mulher na Construção da Matemática. 2015, 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Mestrado Profissional em Matemática Rede Nacional - Profmat) Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, Mossoró, Agosto de 2015.

MELO, Cristiane; MACHADO, Cristina Gomes. **Notas para a História da Educação: Considerações Acerca do Decreto Nº 7.247, de 19 de Abril de 1879, de Autoria De Carlos Leôncio De Carvalho**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.34, p.294-305, jun.2009. [site] Disponível em: [Notas para a história da educação: considerações acerca do decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, de autoria de Carlos Leôncio de Carvalho | Revista HISTEDBR On-line](#). Acesso em: 01 de mai. de 2024.

Painel de informações IFPR - **Instituto Federal do Paraná**. [site] Disponível em: <https://lookerstudio.google.com/reporting/88f52c76-b595-43ec-8d72-046c18f66acc/page/DhNSB>. Acesso em: 08 de abr. de 2024.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História; Operários, Mulheres e prisioneiras**. 11. ed. Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, De Paula Cristiane. **As Implicações do Patriarcado na História das Mulheres: Apontamento Histórico**. Revista Gênero, Niteroi, SP, v. 22, n. 1 p 1-8, 2021.

RIBEIRO, Miranda Inês Arilda. **Mulheres e Educação no Brasil Colônia: Histórias Entrecruzadas**. UNICAMP, [site] Disponível em: [mulheres_e_educacao_no_brasil-colônia: histórias_entrecruzadas](#) Acesso em: 10 de fev. de 2024.

SAFFIOTI, Helena. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Helena. **Primórdios do Conceito de Gênero**. Campinas, SP: Cadernos Pagu, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. 12. Reimpr. São Paulo: Cortez, 2007.

SCORZAFAVE, Guilherme Luiz; MENEZES-FILHO, Aquino Laercio. **Participação Feminina no Mercado de Trabalho: Evolução e Determinantes**. Pesquisa. Planejamento. Economia, RJ. v. 31, n. 3, dez. 2001.

Site oficial da **Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas**. [site] Disponível em: <http://www.obmep.org.br/> - Acesso em: 01 de mai. de 2024.

Site Online de Artigos **Brasil Paralelo**. [site] Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-patriarcado#>: - Acesso em 13 de julh de 2024.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária**. São Paulo: UNESP, 1998.

STAMOTTO, Sucupira Inês Maria. **Um Olhar Na História: A Mulher Na Escola (Brasil: 1549 – 1910)**. Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN.

Paraná. **Projeto Pedagógico de Curso – Licenciatura em Matemática**. [site]. Disponível em:

https://ifpr.edu.br/capanema/wptent/uploads/sites/7/2018/12/PPC_MATEMATICA_-CAPANEMA_2019_FINAL.pdf - Acesso 13 de mai. De 2024.

Paraná. **Relatório de PDI - Instituto Federal do Paraná**. [site] Disponível em:

<https://ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2023/09/relatorio-pdi-2019-2023-ifpr-capanema.pdf> Acesso em 13 de maio de 2024.

Paraná. **Corpo Docentes IFPR – Campus Barracão** [site] Disponível em: <https://ifpr.edu.br/barracao/institucional/ptd/>- Acesso 11 de julh. 2024.

Universidade Tiradentes. **Quais são os cursos de exatas** (2023) [site]. Disponível em: <https://www.unit.br/blog/quais-sao-os-cursos-de-exatas>. Acesso em: 10 de julho de 2024

